



# EXTRAVAGÂNCIAS

## Ensaaios sobre a filosofia de Nietzsche





## *Sendas & Veredas*

propõe-se a atuar em três frentes distintas: apresentar ensaios de estudiosos brasileiros sobre a filosofia nietzschiana, trazer a público traduções comentadas de escritos de Nietzsche e editar textos de pensadores contemporâneos seus, de sorte a recriar a atmosfera cultural em que ele viveu.

**Coordenadora:** Scarlett Marton

**Conselho Editorial:** Ernildo Stein, Gerd Bornheim,  
Paulo Eduardo Arantes e Rubens Rodrigues Torres Filho





Scarlett Marton

EXTRAVAGÂNCIAS  
Ensaio sobre a filosofia de Nietzsche



3ª edição



São Paulo, 2009



Copyright © by Discurso Editorial & Editora Barcarolla, 2009

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada,  
armazenada em sistemas eletrônicos, fotocopiada,  
reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer  
sem a autorização prévia da editora.

*Projeto editorial:* Departamento de Filosofia da FFLCH-USP  
*Direção editorial:* Milton Meira do Nascimento  
*Projeto gráfico e editoração:* Guilherme Rodrigues Neto  
*Capa:* Camila Mesquita  
*Foto da capa:* C. D. Friedrich. Ruine im Riesengebirge

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

M387 Marton, Scarlett  
Extravagâncias. Ensaios sobre a filosofia de  
Nietzsche / Scarlett Marton. 3ª. ed. – São Paulo:  
Discurso Editorial e Editora Barcarolla, 2009.  
282 p. – (Sendas e Veredas)

ISBN 978-85-86590-94-8

1. Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900)  
2. Filosofia Alemã 3. Crítica e interpretação 4. Valor  
I. Título. II. Série.

CDD (19.ed) 193  
193.9



**discurso editorial**

Av. Prof. Luciano Gualberto, 315 (sala 11)  
05508-010 – São Paulo – SP  
Tel./Fax: 11 3814-5383  
discurso@usp.br  
www.discurso.com.br



**Editora Barcarolla Ltda**

Av. Pedroso de Moraes, 631 - 11º andar  
05419-000 - São Paulo - SP  
Tel.: 11 3814-4600  
editorabarcarolla@editorabarcarolla.com.br  
www.editorabarcarolla.com.br




“Deve-se falar somente quando não se pode calar; e falar somente daquilo que se superou – tudo o mais é tagarelice, ‘literatura’, falta de disciplina” (*Humano, demasiado Humano II*, Prefácio).





## SUMÁRIO



APRESENTAÇÃO	9
NOTA DE ESCLARECIMENTO	15
POR QUE SOU UM EXTEMPORÂNEO	17
A DANÇA DESENFREADA DA VIDA	41
A MORTE DE DEUS E A TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES	55
O ETERNO RETORNO DO MESMO: TESE COSMOLÓGICA OU IMPERATIVO ÉTICO?	67
NIETZSCHE E HEGEL, LEITORES DE HERÁCLITO	95
NIETZSCHE E DESCARTES: FILOSOFIAS DE EPITÁFIO	115
NIETZSCHE: CONSCIÊNCIA E INCONSCIENTE	135
NIETZSCHE E A REVOLUÇÃO FRANCESA	147
FOUCAULT LEITOR DE NIETZSCHE	161
A TERCEIRA MARGEM DA INTERPRETAÇÃO	171
APÊNDICE: NIETZSCHE E A CENA BRASILEIRA	203
BIBLIOGRAFIA	209



## APRESENTAÇÃO

Extravagante é reunir num só volume textos redigidos no correr de vinte e cinco anos. Cada um deles evoca as circunstâncias em que foi elaborado, o contexto em que se achou inserido. Ao passá-los em revista, o autor vê-se lançado no labirinto da memória; é lá que colhe lembranças diversas de seu itinerário, recordações várias de seu percurso. De forma recortada, picotada até, a memória apresenta-lhe cenas vividas, reflexões desenvolvidas. Oferece-lhe momentos díspares, extraídos de situações que ocorreram, que desejou que ocorressem ou que imaginou que tivessem ocorrido. E os sentidos se alteram, as marcas se modificam.

À primeira vista, tudo parece extravagante, tudo está fora do lugar. A marca (supostamente) original se perde, se extravía. O sentido (pretensamente) primeiro se desencaminha, se desvia. Fazendo face a seus textos o autor se situa de diferente maneira; observa o pensamento extravar, a escrita extravasar. E em face de cada um deles se põe de diferentes maneiras. Mas é bem verdade que, ao dispor escritos de várias datas, vê-se confrontado com uma perspectiva mais abrangente do trabalho que esteve e está a desenvolver.



Os ensaios aqui reunidos partem, todos eles, de uma visão de conjunto da obra de Nietzsche, que leva em conta tanto a face corrosiva da crítica dos valores quanto a face construtiva da cosmologia. Lidando com questões diversas, estes ensaios tangenciam-se de diversas maneiras. Independentemente uns dos outros, cada um apresenta o seu fio condutor. Que retomem idéias é inevitável, imprescindível até, dadas as estratégias específicas que exigem. Contudo, as repetições sempre incidem sobre pontos-chave da interpretação da filosofia nietzschiana, que há duas ou três décadas venho perseguindo.

“Por que sou um extemporâneo” pretende explorar, em seus múltiplos aspectos, a idéia de extemporaneidade no pensamento de Nietzsche. Procurando trazer à luz traços peculiares de sua obra, todos eles relacionados com este tema, o texto quer investigar o sentido e avaliar o alcance do caráter extemporâneo que o filósofo reivindica para a sua reflexão.

“A dança desenfreada da vida” trata de mostrar que Nietzsche faz da dança sua aliada no combate à metafísica e à religião cristã, na crítica aos postulados lógico-metafísicos que permeiam a linguagem, no ataque aos valores estabelecidos e à moral do ressentimento, assim como na elaboração de sua cosmologia. E espera sobretudo fazer ver que a dança, enquanto movimento, cadência, leveza, alegria, é determinante na maneira pela qual ele concebe a própria filosofia.

“A morte de Deus e a transvaloração dos valores”<sup>1</sup> conta investigar em que medida a crítica que dirige ao pensar metafísico é requisito indispensável para Nietzsche acalentar o projeto de transvalorar todos os valores. Com a frase “Deus

---

<sup>1</sup> Apresentado no II Congresso Sul-Americano de Filosofia, realizado em setembro de 1999, pela PUC-SP, o texto veio a público na revista *Hypnos* 5 (1999), São Paulo: Educ/ Palas Athena, p. 133-43.

está morto”, como bem mostrou Heidegger, ele dá nome ao destino de vinte séculos da História Ocidental. Concebendo-a como o advir e o desdobrar-se do niilismo, entende que esse processo atinge o seu ponto de culminância com a total ausência de sentido provocada pelo esboroamento dos valores transcendentais. É a morte de Deus que torna então possível repensar as relações entre homem e mundo e colocar a partir de outras bases a questão dos valores que devem nortear a conduta humana.

“O eterno retorno do mesmo: tese cosmológica ou imperativo ético?”<sup>2</sup> propõe-se discutir de que maneira conciliar o estrito determinismo que Nietzsche postula na visão cosmológica do eterno retorno e o impacto que espera causar com esse “pensamento abissal”. Se sublinhamos o aspecto normativo de sua doutrina, o fato de ela ser ou não verdadeira não altera nossa conduta; se enfatizamos o seu significado no contexto da experiência humana, pouco importa sua veracidade. Posicionando-se face a diferentes linhas interpretativas, este ensaio descarta tanto a tese de que a doutrina do eterno retorno do mesmo se limita a uma concepção de mundo quanto a de que ela se restringe a uma exortação para a ação. Buscando uma terceira via para elucidá-la, acaba por reinscrevê-la no quadro do empreendimento filosófico nietzschiano enquanto um todo.

“Nietzsche e Hegel, leitores de Heráclito – a propósito de uma sentença de Zaratustra: Da superação de si”<sup>3</sup> trata de

<sup>2</sup> Foi publicado in: NOVAES, Adauto (org.). *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 205-23; e, em francês, “L'éternel retour du même: thèse cosmologique ou impératif éthique?”, in: *Nietzsche-Studien* 25 (1996), Berlim: Walter de Gruyter & Co., p. 42-63.

<sup>3</sup> Apareceu in *discurso* 21 (1993), São Paulo: Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, p. 35-58; numa segunda versão,

analisar, a partir das leituras que Nietzsche e Hegel fazem de Heráclito, de que maneira eles concebem o vir-a-ser. Ao examinar os pontos convergentes e divergentes de suas interpretações, conta reunir elementos para repensar a relação entre eles. Passando em revista a literatura mais recente, pretende então apreciar a tese da afinidade e a tese da oposição entre o pensamento hegeliano e a filosofia nietzschiana e avaliar, em particular, a pertinência dos comentários de Kaufmann e Deleuze.

“Nietzsche e Descartes: filosofias de epitáfio” toma como ponto de partida a observação que Nietzsche faz numa carta de dezembro de 1887 acerca da inscrição no túmulo de Descartes: *“Bene vixit qui bene latuit”*. Com isso, o ensaio persegue o objetivo de investigar em que medida seria possível estabelecer um diálogo, ainda que inteiramente fictício, entre os filósofos em questão acerca dos problemas relativos à conduta humana.

“Nietzsche: consciência e inconsciente”<sup>4</sup> dedica-se a explorar as relações entre pensamento, linguagem e consciência no quadro do pensamento nietzschiano. Se, como Kant, Nietzsche pergunta pelas condições de possibilidade do conhecimento, não coloca a questão a partir do exame das faculdades do espírito, mas procura reinscrevê-la num contexto histórico e fisiológico. A partir daí, o texto aprecia em que medida o filósofo participa, como diria Foucault, da *épistémé*

---

“Nietzsche e Hegel, leitores de Heráclito ou a propósito de uma fala de Zaratustra: Da superação de si”. In: STEIN, Ernildo e DE BONI, Luís (orgs.). *Dialética e Liberdade*. Petrópolis/Porto Alegre: Vozes/ Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1993, p. 522-38.

<sup>4</sup> Veio a público in: KNOBLOCH, Felícia (org.). *O Inconsciente – várias leituras*. São Paulo: Escuta, 1991, p. 27-41.

que, em decorrência da analítica da finitude, passou a vincular o conhecimento à fisiologia e à história.

“Nietzsche e a Revolução Francesa”<sup>5</sup> tem o intuito de mostrar que o filósofo não se pretende teórico do poder, no sentido estrito da palavra, e tampouco se quer analista político. Intimamente ligadas em seu pensamento, moral, política e religião integram um campo de investigação mais amplo: são objeto da crítica dos valores. A análise do ideário mesmo da Revolução Francesa, com a palavra de ordem “liberdade, igualdade, fraternidade”, ilustra a maneira pela qual o acontecimento histórico se acha relacionado com a religião cristã e a moral dos ressentidos.

“Foucault leitor de Nietzsche”<sup>6</sup> não se propõe examinar de que maneira o trabalho de Foucault se teria inspirado nas idéias de Nietzsche nem de indagar em que medida seu projeto teria sido por elas influenciado. Tendo por objeto de análise a leitura que o pensador francês faz do filósofo nos textos em que lida diretamente com ele, acaba por questionar os limites mas também ressaltar a pertinência de suas posições.

“A terceira margem da interpretação”<sup>7</sup>, tocando em questões centrais que se colocam para os estudiosos do pensamento nietzschiano, busca apresentar, no contexto da recepção da obra do filósofo, o trabalho de Müller-Lauter. Desde o início dos anos noventa, pareceu-me imprescindível

<sup>5</sup> Foi publicado in: *discurso* 18 (1991), São Paulo: Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, p. 85-96.

<sup>6</sup> Veio a público in: RIBEIRO, Renato Janine (org.). *Recordar Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 36-46.

<sup>7</sup> Apareceu, à guisa de apresentação, in: MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*. Trad. Oswaldo Giacóia Júnior. São Paulo: Annablume, 1997, p. 7-48.

dar a conhecer ao público brasileiro outras vias de acesso a Nietzsche. Assim é que me empenhei em divulgar interpretações de sua filosofia pouco correntes entre nós, dentre elas a de Wolfgang Müller-Lauter. Comecei por publicar um artigo seu na revista *discurso*<sup>8</sup> e parte de outro no Caderno Mais da *Folha de São Paulo*<sup>9</sup>. E, mais recentemente, pude editar nos *Cadernos Nietzsche* mais um trabalho seu<sup>10</sup>. Várias foram as tentativas que fiz junto às editoras para traduzir para o português seu livro, *Nietzsche. Sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. Embora nenhuma delas tivesse êxito, a mim coube o privilégio de apresentar ao leitor brasileiro um ensaio seu de importância capital para a pesquisa da filosofia nietzschiana<sup>11</sup>. Distanciando-se das leituras empreendidas por Heidegger e por Foucault, ainda tão em voga entre nós, Müller-Lauter inaugura uma nova vertente interpretativa da obra do filósofo. Com “A terceira margem da interpretação”, ao determinar o seu lugar no confronto das interpretações, é o meu que, de alguma forma, acabei por delimitar.

<sup>8</sup> “O desafio Nietzsche”. In: *discurso* 21 (1993) Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, p. 7-29.

<sup>9</sup> “Uma filosofia para ruminar”, *Folha de S. Paulo*, 9 de outubro de 1994, Caderno Mais, p. 7. Sob esse título veio a público na tradução de Oswaldo Giacóia Júnior a primeira parte do texto “Über den Umgang mit Nietzsche” (Sobre o trato com Nietzsche).

<sup>10</sup> “*Décadence* artística enquanto *décadence* fisiológica. A propósito da crítica tardia de Friedrich Nietzsche a Richard Wagner”. In: *Cadernos Nietzsche* 6 (maio de 1999), trad. de Scarlett Marton, São Paulo: Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, p. 11-30.

<sup>11</sup> Publicado numa primeira versão nos *Nietzsche-Studien* 3 (1974), Berlim: Walter de Gruyter, p. 1-60, “A doutrina da vontade de potência em Nietzsche” é considerado pelo próprio autor seu ensaio mais importante.

Por fim, “Nietzsche e a cena brasileira”<sup>12</sup>, como apêndice, propõe-se passar em revista, ainda que de forma sucinta, a maneira pela qual as idéias do filósofo chegaram e continuam a chegar até nós, que impacto provocaram e ainda provocam, que resultados produziram e estão a produzir. Apontando, com brevidade, correntes, tendências, movimentos, faz um balanço da recepção de sua obra em nosso país.

Dentre estes ensaios, os que já vieram a público apresentam, aqui, alterações em relação aos textos publicados. Ainda que substancialmente os mesmos, são por certo outros.

Freqüentar os textos de Nietzsche, familiarizar-se com o seu pensar resultou em trabalhos de exegese. Conviver com esse filósofo tão singular, por décadas, acabou por surpreender com uma experiência de filiação. À sua reflexão não pude ficar imune. A suspeita e a desconfiança marcam o pensamento; a afirmação incondicional do que advém determina uma atitude na vida. Ter ciência do caráter transitório de idéias e experiências leva a alterar pontos de vista; saber de suas muitas marcas e sentidos faz multiplicar perspectivas. Ao olhar impõem-se mudanças, quiçá superações. Assim é que estes escritos hoje se me aparecem.

E por isso eu me permito tais extravagâncias.

---

<sup>12</sup> Veio a público, posteriormente, numa versão mais completa sob o título “Nietzsche in Brasilien”. In: *Nietzsche-Studien* 29 (2000), Berlin: Walter de Gruyter, p. 369-76.




Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) agradeço o apoio com que contemplou a minha pesquisa.





## NOTA DE ESCLARECIMENTO



Salvo indicação contrária, utilizo as edições das obras do filósofo e de sua correspondência organizadas por Giorgio Colli e Mazzino Montinari: *Werke. Kritische Studienausgabe*. Berlim: Walter de Gruyter & Co., 1967/ 1978. 15v., e *Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgabe*. Berlim: Walter de Gruyter & Co., 1975/ 1984. 8v. Sempre que possível, recorro à tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho para o volume *Nietzsche – Obras incompletas*. Col. “Os Pensadores”. São Paulo: Abril Cultural, 2ª ed., 1978.

Para os textos publicados por Nietzsche, o algarismo arábico indica o aforismo; no caso da *Genealogia da Moral*, o algarismo romano anterior ao arábico remete à parte do livro; no caso do *Crepúsculo dos Ídolos*, o algarismo arábico, que se seguirá ao título do capítulo, indicará a seção. Quanto a *Assim falava Zaratustra*, o algarismo romano indica a parte do livro.

Para os escritos inéditos inacabados, o algarismo arábico ou romano, conforme o caso, indica a parte do texto.

Para as anotações póstumas, os algarismos arábigos seguidos da data indicam o fragmento póstumo e a época em que foi redigido.

Quanto aos demais autores, o título completo do livro ou do artigo é dado sob a primeira citação que ocorre em cada ensaio; adiante, apenas se indica o nome do autor e a página.



## POR QUE SOU UM EXTEMPORÂNEO

“Na antevisão de que dentro em breve terei de me apresentar à humanidade com a mais difícil exigência que jamais lhe foi feita”, escreve Nietzsche nas primeiras linhas de sua autobiografia, “parece-me indispensável dizer *quem sou eu*. No fundo se poderia sabê-lo, pois não me ‘deixei sem testemunho’” (*Ecce Homo*, prólogo, § 1). A “difícil exigência”, que trará ao homem, parece antes exigir dele mesmo que se apresente. Para realizar a transvaloração de todos os valores, “o maior acontecimento filosófico de todos os tempos, que corta em duas metades a história da humanidade” (carta a Malwida von Meysenbug de 04/10/1888), ele tem de dar-se a conhecer. Assim se impõe, malgrado seu, anunciar quem é e qual a sua tarefa, missão e destino.

“Nessas circunstâncias há um dever, contra o qual se revolta, no fundo, meu hábito”, declara Nietzsche, “e mais ainda o orgulho de meus instintos, ou seja, de dizer: *Ouçam! pois eu sou tal e tal. Não me confundam, sobretudo!*” (*Ecce Homo*, prólogo, § 1) Este dever, sem dúvida, ele não o inscreve no âmbito moral; entende apenas que é requisito indispensável para cumprir o que lhe cabe. Mas tal obrigação contra-

ria o seu “hábito” e repugna ao “orgulho de seus instintos”; tal incumbência contrapõe-se à sua tendência e ao seu impulso de dirigir-se aos mais seletos, aos que têm ouvidos finos, aos que lhe são aparentados.

É bem verdade que não se deixou “sem testemunho”. Aos quarenta e quatro anos, fizera vir a público um bom número de livros. Estivera, por certo, distante do meio universitário; mantivera-se afastado dos círculos intelectuais. Desde que abandonara o posto de professor de filologia clássica na Universidade da Basileia, abraçara uma vida errante. Sem vínculos institucionais, suas ligações limitavam-se aos amigos próximos, Heinrich Köselitz e Franz Overbeck. Mas escrevera e publicara.

Assim Nietzsche se dera a conhecer. E, ao que parece, não fora bem sucedido. Na autobiografia, por exemplo, ele se queixa do “não-entendimento”<sup>1</sup> dos seus escritos. Heinrich von Stein<sup>2</sup> confessa-lhe não compreender uma palavra de *Assim falava Zaratustra*; Carl Spitteler<sup>3</sup>, que considera o livro

<sup>1</sup> Cf. *Ecce Homo*, Por que escrevo livros tão bons, § 1.

<sup>2</sup> Em outra passagem, Nietzsche manifesta grande apreço por Heinrich von Stein, “morto imperdoavelmente jovem”, referindo-se à visita de três dias que ele lhe fizera em Sils Maria, entre 26 e 28 de agosto de 1884. Diz ele: “Este homem excelente, que com toda a impetuosa simplicidade de um *junker* prussiano mergulhara no lamaçal de Wagner (e, além disso, ainda no de Dühring!), foi nesses três dias como que transformado por um vendaval de liberdade, como alguém que de repente é alçado à *sua* altura e recebe asas” (*Ecce Homo*, Por que sou tão sábio, § 4).

<sup>3</sup> O jovem poeta suíço publicou um ensaio intitulado “Friedrich Nietzsche através de suas obras” na revista *Bund* de Berna, em primeiro de janeiro de 1888 (Cf. SPITTELER, Carl. *Meine Beziehungen mit Nietzsche*. Munique: 1908). Embora de início Nietzsche esteja satisfeito com o texto, logo se mostra contrariado (cf. carta de 04/02/1888 e

um “*exercício superior de estilo*”, desmerece o seu conteúdo; um professor da Universidade de Berlim sugere-lhe recorrer a outra forma literária. E a propósito de *Para além de Bem e Mal*, Josef Viktor Widmann<sup>4</sup>, num artigo intitulado “O Perigoso Livro de Nietzsche”, elogia sua coragem em esforçar-se por suprimir todos os sentimentos decentes.

Tudo se passa como se os seus escritos, quando não inteiramente ignorados, sempre gerassem controvérsias. *O Nascimento da Tragédia*, desde logo, quase passou despercebido<sup>5</sup>, mas não deixou de constranger os filólogos e ocasionar severas críticas. Wilamowitz-Möllendorf desqualificou a obra, julgando-a demasiado literária e imaginativa<sup>6</sup>. Naquele momen-

---

cartão postal de 13/02/1888 a Josef Viktor Widmann; e carta ao próprio Spitteler de 10/02/1888). Meses mais tarde, parece entusiasmar-se com a resenha elogiosa do *Caso Wagner*, que Carl Spitteler faz aparecer na revista *Bund*, em 8 de novembro (cf. carta a Heinrich Köselitz de 13/11/1888 e cartão postal a Spitteler de 19/11/1888).

<sup>4</sup> O escritor e jornalista publicou seu artigo no número da revista *Bund* de 16-17 de setembro de 1886 (cf. a propósito carta a Widmann de 28/06/1888). No *Crepúsculo dos Ídolos*, Nietzsche também se refere a esse episódio: “Um suíço, redator da revista *Bund*, não sem exprimir respeito pela coragem de tal façanha, foi tão longe a ponto de ‘compreender’ o sentido de minha obra como sendo o de propor a supressão de todos os sentimentos decentes” (*Crepúsculo dos Ídolos*, Incursões de um extemporâneo, § 37).

<sup>5</sup> Nem mesmo Ritschl, o antigo mestre que, em seus anos de formação, Nietzsche seguira de Bonn a Leipzig, quis pronunciar-se a respeito. Tanto é que o filósofo comenta em carta de 28 de janeiro de 1872 a Erwin Rohde: “Em Leipzig, a irritação deve reinar outra vez. De lá ninguém me escreve uma palavrinha sequer. Nem mesmo Ritschl”.

<sup>6</sup> O helenista publicou no final de maio de 1872 um panfleto intitulado “A Filologia do Futuro, réplica a Friedrich Nietzsche”, em que se opôs ao *Nascimento da Tragédia* por razões puramente científicas.

to, Erwin Rohde<sup>7</sup> e Richard Wagner<sup>8</sup> manifestaram-se em defesa de Nietzsche.

Se os círculos wagnerianos bem acolheram o primeiro livro do filósofo, por certo irão abominar um dos seus últimos. Lançado no final de setembro de 1888, *O Caso Wagner* provoca imediatamente reações. Malwida von Meysenbug mostra-se tão indignada, que, à sua revolta, Nietzsche responde com cartas agressivas que levam à ruptura da amizade<sup>9</sup>. Ferdinand Avenarius, diretor de redação da revista *Kunstwart*, publica um comentário, em que deplora o caráter panfletário e jornalístico do texto<sup>10</sup>. Após breve correspondência<sup>11</sup>,

<sup>7</sup> O amigo, que, em 26 de maio de 1872, fizera uma resenha elogiosa do *Nascimento da Tragédia* na *Gazeta da Alemanha do Norte (Norddeutschen Allgemeinen Zeitung)*, conseguiu, depois de algumas tentativas, publicar em outubro do mesmo ano resposta meticulosa e séria ao panfleto de Wilamowitz-Möllendorf, colocando-se enquanto filólogo e profundo conhecedor do helenismo.

<sup>8</sup> O compositor replicou ao panfleto de Wilamowitz-Möllendorf com uma “carta aberta” a Nietzsche, publicada em 23 de junho de 1872 na *Gazeta da Alemanha do Norte (Norddeutschen Allgemeinen Zeitung)*, em que acusava a filologia e a cerveja de serem prejudiciais ao espírito alemão.

<sup>9</sup> Cf. a carta de 18 de outubro de 1888, em que Nietzsche escreve: “Não há coisa alguma, sobre a qual eu admita oposição. Sou, em questões de *décadence*, a mais alta instância que agora existe sobre a Terra”; cf. ainda a carta de 20 de outubro, em que ele declara: “A senhora nunca compreendeu uma palavra minha, nunca compreendeu um escrito meu: não há remédio; a esse respeito temos de ter clareza entre nós – também nesse sentido o *Caso Wagner* é para mim ainda um caso feliz (*ein Glücksfall*)”.

<sup>10</sup> O comentário segue-se à resenha extremamente favorável que Heinrich Köselitz faz do *Caso Wagner*.

<sup>11</sup> Cf. cartas de 10 de dezembro de 1888.

Nietzsche faz com que torne públicas, em sua revista, duas cartas que lhe dirigira. Termina uma delas com uma lista de passagens dos seus livros, que atestam não ser recente a sua mudança de posição em face do Wagner<sup>12</sup>.

Mas é Richard Pohl, um dos primeiros redatores das *Folhas de Bayreuth* (*Bayreuther Blätter*)<sup>13</sup>, que se opõe com maior veemência ao *Caso Wagner*. Em defesa do compositor, publica “O Caso Nietzsche” no *Semanário Musical* (*Musikalisches Wochenblatt*)<sup>14</sup>, revista de Leipzig sob a responsabilidade de Ernst Wilhelm Fritsch<sup>15</sup>. É contra ele que o filósofo desfere o golpe em sua autobiografia: “Penso que conheço os wagnerianos; ‘vivi’ três gerações deles, do falecido Brendel<sup>16</sup>, que confundia Wagner com Hegel, aos ‘idealistas’ das *Folhas de Bayreuth*, que confundem Wagner com eles mesmos – ouvi toda espécie de confissões de ‘belas almas’ sobre Wagner. Meu reino por uma palavra sensata! – Em verdade, uma horripi-

<sup>12</sup> Trata-se da carta no. 1184. Assim ocorre a Nietzsche elaborar outro livro sobre o compositor. *Nietzsche contra Wagner* é uma coletânea de textos extraídos das suas próprias obras: a prova de que, pelo menos, desde 1877, são antípodas.

<sup>13</sup> Esta revista, de circulação entre os wagnerianos, funcionou como canal de um pangermanismo místico, onde as idéias de Gobineau sobre a desigualdade das raças se achavam mescladas à doutrina cristã.

<sup>14</sup> O artigo aparece em 25 de outubro de 1888.

<sup>15</sup> Desde o verão de 1886, Fritsch havia cuidado das edições dos livros de Nietzsche, do *Nascimento da Tragédia* à terceira parte de *Assim falava Zaratustra*. Revoltado, o filósofo escreve-lhe tentando recuperar os direitos de suas obras que lhe cedera (cf. cartas a Fritsch de 18, 20 e 25 de novembro de 1888). Chega até a recorrer a Paul Deussen em carta de 26 de novembro de 1888, pedindo-lhe que lhe avance a soma necessária, cerca de dez mil marcos, para concluir a negociação.

<sup>16</sup> Karl Franz Brendel, morto em 1868, foi co-fundador da *Allgemeiner deutscher Musikverein* (Liga Musical Alemã).

lante companhia! Nohl<sup>17</sup>, Pohl, Kohl<sup>18</sup> com graça *in infinitum!*” (*Ecce Homo*, Humano, demasiado Humano, § 2) Certo de que ninguém pode pintar uma imagem sua que lhe faça justiça, Nietzsche previne-se. De desfigurações e acusações, eventuais ou efetivas, defende-se.

É também na autobiografia que acerca do acolhimento de suas *Considerações Extemporâneas* ele afirma: “Desses quatro atentados, o primeiro teve êxito extraordinário. O barulho que provocou foi esplêndido em todos os sentidos” (*Ecce Homo*, As Extemporâneas, § 2). De fato, *David Strauss, o Devoto e o Escritor* teve alguma repercussão com artigos e resenhas publicados nos jornais de Augsburg e Leipzig. O orientalista Ewald de Göttingen, o teólogo Bruno Bauer e o historiador Karl Hillebrand aprovaram a verve do jovem polemista; seus amigos mais próximos elogiaram sua ousadia. Mas Nietzsche virá a desconfiar de tais manifestações de apreço. “Somente alguns velhos senhores”, dirá ele no *Ecce Homo*, “puseram-se incondicionalmente do meu lado, por motivos diversos e em parte inescrutáveis. Entre eles Ewald de Göttingen, que deu a entender que meu atentado fora mortal para Strauss. De igual modo, o velho hegeliano Bruno Bauer<sup>19</sup>, em quem a

<sup>17</sup> Karl Friedrich Ludwig Nohl é o autor de uma biografia de Wagner, que Nietzsche lê no verão de 1888.

<sup>18</sup> O termo, que significa literalmente “couve”, “repolho”, é empregado também no sentido de “bobagem”. Já na carta a Overbeck de 22 de dezembro de 1884, Nietzsche escrevia: “Não tenho vontade alguma de deixar crescer ao meu redor uma nova espécie de Nohl, Pohl e ‘Kohl’”.

<sup>19</sup> Em seu livro de 1880 (*Zur Orientierung über die Bismarcksche Aera*), Bruno Bauer denomina Nietzsche “o Montaigne, Pascal e Diderot alemão”. A esse respeito, o filósofo comenta na carta a Heinrich Köselitz de 20 de março de 1881: “Quão pouca *fineza* há em tal elogio, portanto, quão pouco elogio!”

partir de então tive um de meus mais atentos leitores” (*Ecce Homo*, As Extemporâneas, § 2). Embora partidários seus, Bruno Bauer e Ewald de Göttingen parecem não deixar claras as razões que os impelem, parecem não tornar evidentes os objetivos que perseguem. Apenas aos comentários de Karl Hillebrand, “este último alemão *humano* a saber empunhar uma pena”, Nietzsche não fará restrições<sup>20</sup>. Questionando-se sobre toda atitude de admiração, acautela-se. Perguntando-se acerca de qualquer gesto de afeto, põe-se de sobreaviso.

Ainda a propósito de sua *Primeira Consideração Extemporânea*, ele declara: “A repercussão deste ensaio em minha vida foi mesmo inestimável. Até hoje ninguém buscou desavença comigo. Na Alemanha silenciam a meu respeito, tratam-me com sombria cautela; há anos faço uso de uma incondicional liberdade de falar, para a qual hoje ninguém, e ainda menos no ‘Reich’, tem a *mão* suficientemente livre” (*Ecce Homo*, As Extemporâneas, § 2). Tudo se passa como se o “êxito extraordinário” do livro consistisse justamente em tornar efetivo o seu caráter belicoso. E fora tão bem sucedido nessa direção que o autor não encontra mais adversário à altura. Único a usar da pena sem quaisquer restrições, polemista, ele não tem mais com quem polemizar.

Nietzsche dispõe-se a esclarecer os princípios de sua “prática de guerra” já no primeiro capítulo do *Ecce Homo*: “Primeiro: ataco somente causas que são vitoriosas – espero ocasionalmente até que sejam vitoriosas”. Assim elege como inimigos seus o pensar metafísico e a religião cristã, a moral do ressentimento e a cultura filistéia. E ele prossegue: “Segun-

<sup>20</sup> “De longe, o mais ouvido e o mais amargamente sentido”, declara ele ainda a propósito da recepção da *Primeira Consideração Extemporânea*, “foi a defesa extraordinariamente forte e corajosa feita pelo sempre tão suave Karl Hillebrand” (*Ecce Homo*, As Extemporâneas, § 2).

do: ataco somente causas em que não encontraria aliados, em que estou só – em que me comprometo sozinho... Nunca dei um passo em público que não compromettesse – este é o meu critério do agir correto”. Assim nunca deixa de reivindicar como posição sua que reflexão e vivência se encontrem intimamente ligadas. E, então, continua: “Terceiro: nunca ataco pessoas – sirvo-me da pessoa como uma forte lente de aumento, com que se pode tornar visível um estado de miséria geral, mas dissimulado, pouco palpável”. Assim convida o leitor a examinar dessa ótica as críticas que dirige a David Strauss e, também, a Richard Wagner. Pois, como ele mesmo afirma: “Desse modo, ataquei David Strauss, ou mais precisamente o sucesso de um livro senil junto à ‘cultura’ alemã – apanhei essa cultura em flagrante... Desse modo, ataquei Wagner, ou mais precisamente a falsidade, a bastardia de instintos de nossa ‘cultura’, que confunde os refinados com os ricos, os epígonos com os grandes” (*Ecce Homo*, Por que sou tão sábio, § 7).

No caso de sua *Primeira Consideração Extemporânea*, para combater a cultura filistéia, Nietzsche serve-se, sem dúvida, da obra que David Strauss acabava de lançar. Se critica de ponta a ponta *A Antiga e a Nova Fé*, atacando não só as idéias expressas como o estilo adotado, jamais perde de vista o fato de que a burguesia liberal alemã fizera do autor o seu pontífice. É por isso que aprecia tanto a resenha que Karl Hillebrand publicara na *Gazeta de Augsburg* (*Augsburger Zeitung*) a respeito de seu livro *David Strauss, o Devoto e o Escritor*<sup>21</sup>. Além de não poupar elogios “à forma do ensaio, ao seu gosto maduro, ao seu perfeito tato na distinção entre causa e pessoa”, apontando-o como “o melhor escrito polêmico redigido em

<sup>21</sup> Os trabalhos de Hillebrand sobre Nietzsche encontram-se em *Zeiten, Völker und Menschen*. Berlim: 1875-1882.

alemão”, o resenhista concluía – dirá Nietzsche – “expressando sua admiração por minha *coragem* – esta ‘superior coragem que leva ao banco dos réus precisamente os prediletos de um povo’” (*Ecce Homo*, As Extemporâneas, § 2). Com as palavras de Hillebrand, sentiu-se por certo gratificado. Enfim, alguém compreendera o intuito genuíno de suas *Considerações Extemporâneas*: esta série de brochuras sobre diversos temas, a serem publicadas com o mesmo título geral, teriam de trazer todas elas a marca do desafio.

Vista retrospectivamente, a *Primeira Consideração Extemporânea* parece seguir à risca os princípios da “prática de guerra” de seu autor. Nela Nietzsche combate uma causa vitoriosa: a cultura filistéia que ganha terreno em sua época; é sozinho que se compromete em seus ataques; serve-se de David Strauss para tornar visível a situação de penúria cultural da Alemanha; e ainda, sabendo distinguir entre causa e pessoa, nada tem de pessoal contra o seu adversário. Aliás, é justamente isto o que determina o quarto e último princípio de sua “prática de guerra”. “Quarto: ataco somente causas de que está excluída qualquer diferença pessoal, que carecem de qualquer pano de fundo de experiências ruins. Ao contrário, atacar é em mim uma prova de benevolência, ocasionalmente de gratidão. Eu honro, eu distingo, ao ligar meu nome ao de uma causa, uma pessoa: a favor ou contra – para mim não faz diferença” (*Ecce Homo*, Por que sou tão sábio, § 7).

Afinal, saber ser inimigo consiste justamente em buscar um adversário à altura e enfrentá-lo de igual para igual. Não se pode guerrear quando se despreza e não há porque fazê-lo quando se domina<sup>22</sup>. Com as suas *Considerações Ex-*

<sup>22</sup> Pois como Nietzsche bem determina: “Igualdade frente ao inimigo – primeiro pressuposto para um duelo *honesto*. Quando se despreza não

*temporâneas*, Nietzsche diz pôr em prática “uma máxima de Stendhal”, que “aconselha a fazer a entrada na sociedade com um *duelo*”<sup>23</sup>. Na verdade, ao redigi-las entre 1873 e 1876, ainda não conhecia o autor das *Crônicas Italianas*; quando vem a descobri-lo poucos anos depois, com ele não cessa de entusiasmar-se<sup>24</sup>. Tanto é que, no *Ecce Homo*, ao considerar numa visão retrospectiva as *Considerações Extemporâneas*, julga nelas já seguir o conselho de um escritor que então lhe era desconhecido.

A outro escritor, porém, Nietzsche remete numa das versões preparatórias de sua autobiografia. Lá, a primeira página do que viria a constituir o *Ecce Homo* apresenta o título e o sub-título do livro; apresenta ainda, talvez à guisa de epígrafe, a citação de Galiani: “Planar acima e ter garras, eis o quinhão dos grandes gênios”<sup>25</sup>. Estas palavras incitam a afas-

---

*se pode fazer a guerra; quando se manda, quando se vê algo abaixo de si, não se tem de fazer a guerra* (*Ecce Homo*, Por que sou tão sábio, § 7).

<sup>23</sup> *Ecce Homo*, As Extemporâneas, § 2. Em sua introdução à correspondência inédita de Stendhal, Prosper Mérimée a ele atribui tal conselho. O livro *Correspondance Inédite* (Paris, 1885) encontra-se na biblioteca de Nietzsche.

<sup>24</sup> Nietzsche faz suas primeiras anotações a propósito de Stendhal, “Ler as cartas de Beyle (‘Stendhal’): ele exerceu grande influência sobre Prosper Mérimée”, apenas em 1879 (cf. fragmento póstumo 43 [1] de julho/ agosto de 1879). Mas, durante todo o ano de 1880, registra muitas notas de leitura de suas obras.

<sup>25</sup> “Planer au-dessus et avoir des griffes, voilà le lot des grands génies”. Nietzsche anotou a mesma citação, sempre em francês, no fragmento póstumo (304) 11 [13] d novembro de 1887/ março de 1888. A passagem acha-se na carta de 24 de novembro de 1740, que Galiani endereça a Madame d’Épinay. Cf. *Lettres à Madame d’Épinay, Voltaire, Diderot, Grimm, etc.*, Paris, 1882, que se encontra na biblioteca de Nietzsche.

tar-se do desenrolar dos acontecimentos, mas não de forma resignada ou indiferente, pois incitam também a desafiá-los. Pôr-se à distância é, aqui, uma atitude combativa; mais ainda, é uma atitude que cria as condições de possibilidade do combate. Ora, estes dois aspectos, distância e combate, poderiam muito bem caracterizar as *Considerações* de Nietzsche, elucidar o caráter extemporâneo que ele lhes atribui. No fim das contas, “as quatro *Extemporâneas* são integralmente guerreiras” (*Ecce Homo*, As Extemporâneas, § 1). Belicosas, elas investem contra o filisteísmo cultural de seu tempo, porque, assim pretendem, se colocam acima dele.

Na década de setenta, ao elaborá-las, Nietzsche inclui no título o adjetivo “extemporâneo”, mas raras vezes a ele recorre no corpo do texto. Em *David Strauss, o Devoto e o Escritor*, assegura que então passa por extemporâneo “aquilo que sempre esteve no tempo e que agora está mais no tempo que outrora, aquilo de que se necessita: dizer a verdade” (*Primeira Consideração Extemporânea* § 12). Julga algo raro e extraordinário justamente o que se faz mais urgente; em outras palavras, acredita ser extemporâneo precisamente o que mais se impõe naquele momento: dizer a verdade. Num sentido análogo, confessa em *Schopenhauer como Educador*: “era fazer votos insensatos, quando eu imaginava poder encontrar um verdadeiro filósofo que fosse um educador capaz de elevar alguém acima da insuficiência deste tempo e ensinar-lhe outra vez a ser *simples* e *honesto* no pensamento e na vida, portanto, a ser extemporâneo” (*Terceira Consideração Extemporânea* § 2). Também algo raro e extraordinário considera as idéias e as atitudes simples e honestas. Tanto num caso quanto no outro, “dizer a verdade” e “ser *simples* e *honesto* no pensamento e na vida” parecem-lhe posições destoantes naquele momento. Ainda em direção similar, caminha em *Richard Wagner em Bayreuth*: “assim é que se percebe todos os que

participam do Festival de Bayreuth como extemporâneos; em outro lugar e não neste tempo eles têm seu lar, de outro modo eles encontram sua explicação assim como sua justificativa” (*Quarta Consideração Extemporânea* § 1). Então, pensa que, destoantes, os freqüentadores de Bayreuth não se sentem à vontade no presente; imagina que lhes causa estranheza o tempo em que vivem.

Em *Da Utilidade e Desvantagem da história para a vida*, Nietzsche expressa com maior clareza o que então entende por extemporâneo. “Também esta consideração é extemporânea”, declara, “porque tento compreender como mal, dano, carência aquilo de que este tempo se orgulha, sua cultura histórica”. É por não sentir-se à vontade com o que ocorre à sua volta que pode “translocar perspectivas”<sup>26</sup>; é por causar-lhe estranheza o desenrolar dos acontecimentos que poderá vir a transvalorar valores<sup>27</sup>. E, logo adiante, afirma: “não sei que sentido teria a filologia clássica em nosso tempo, senão o de

<sup>26</sup> A expressão de Nietzsche, a que recorro aqui, encontra-se no *Ecce Homo*, Por que sou tão sábio, § 1: “A partir da ótica do doente, olhar para os conceitos e valores *mais sádios* e, inversamente, da plenitude e certeza da vida *rica*, olhar para baixo e ver o secreto trabalho do instinto de *décadence* – esse foi meu mais longo exercício, minha experiência propriamente dita, e, se é que em algo, foi nisso que me tornei mestre. Está agora em minha mão – tenho mão para isso – *translocar perspectivas* (*Perspektiven umzustellen*)”.

<sup>27</sup> Embora o projeto de transvaloração dos valores só se configure na obra tardia de Nietzsche, resgato aqui um dos aspectos presentes no termo “transvaloração” (*Umwertung*): ele comporta a idéia de inversão (*Umkehrung*). Cabe dar continuidade à passagem do *Ecce Homo* citada na nota anterior: “Está agora em minha mão – tenho mão para isso – *translocar perspectivas*: primeira razão pela qual para mim somente, talvez, é possível em geral uma ‘transvaloração dos valores’” (*Ecce Homo*, Por que sou tão sábio, § 1).

atuar em sentido extemporâneo, ou seja, contra este tempo e, portanto, sobre este tempo e, assim espero, a favor de um tempo por vir” (*Segunda Consideração Extemporânea*, prefácio). Raro, extraordinário, destoante, extemporâneo é sobretudo o que vai de encontro ao espírito da época, o que a ele se contrapõe. Assim é que, ao empregar o termo em suas *Considerações*, o autor acaba sempre por remeter aos dois aspectos que tão bem as caracterizam: combate e distância.

É também por planar acima de sua época que Zaratus-tra a ela mostra as suas garras; é por não suportar o tempo presente que contra ele investe. “Longe demais voei adentrando o futuro; um calafrio de horror apoderou-se de mim. E, quando olhei a meu redor, eis que o tempo era o meu único contemporâneo”, diz ele. “Fugi então para trás, para casa – e cada vez mais depressa; assim cheguei a vós, homens do presente, e ao país da cultura. Pela primeira vez, estava predisposto a olhar para vós, e com boa vontade; em verdade, com anseio no coração cheguei. Mas que me aconteceu? Por mais angustiado que estivesse – tive de rir! Nunca haviam visto os meus olhos algo tão sarapintado!”<sup>28</sup> Pondo-se à distância do que ocorre à sua volta, ele altera o ponto de vista; afastando-se do desenrolar dos acontecimentos, coloca-se a partir de outro ângulo de visão. Está, pois, em condições de combater o filisteísmo cultural de seu tempo.

Aqui, Zaratus-tra retoma nos mesmos termos a crítica à cultura filistéia que Nietzsche desenvolvera nas *Considerações Extemporâneas*. Então, o autor julgava haver na Alemanha um contraste peculiar: de um lado, acreditava-se existir a verdadeira cultura; de outro, deparava-se com um estado de misé-

<sup>28</sup> *Assim falava Zaratus-tra* II, “Do país da cultura”. De início, Nietzsche intitulara esta seção “Dos homens do presente”.

ria cultural. Mas, a seu ver, a opinião pública decidira não existir tal contraste. “Que força é tão poderosa para decretar que isso não existe?” – pergunta ele. “Que espécie de homens chegou ao poder na Alemanha para proibir sentimentos tão fortes e simples ou, ao menos, impedir a sua expressão? Essa força, essa espécie de homens, vou chamá-la pelo nome: são os *filisteus da cultura*”<sup>29</sup> (*Primeira Consideração Extemporânea* § 2). No meios que freqüentam, eles sempre encontram necessidades e opiniões uniformes. E nem poderia ser de outro modo, uma vez que em suas mãos estão a arte e a educação, as instituições artísticas e os estabelecimentos de ensino. É esta uniformidade que lhes dá a impressão de serem homens cultos; é ela que os leva a crer existir na Alemanha a verdadeira

<sup>29</sup> De acordo com Charles Andler, já no século XVIII empregava-se o termo “filisteu” nos meios universitários. Recorria-se a ele para designar os estritos cumpridores das leis e dedicados executores dos deveres, que repudiavam a liberdade dos estudantes. Brentano e Heine, dentre outros, analisaram a figura do filisteu e nele descobriram a baixaza do espírito burguês, sempre apegado aos bens materiais. Crédulo na ordem natural das coisas e inculto em questões estéticas, esse homem de bom senso lançava mão do mesmo raciocínio para lidar com as riquezas mundanas e os bens culturais. Heine diria que ele pesava em sua balança de queijos o próprio gênio (cf. ANDLER, *Nietzsche, sa vie et sa pensée*. Paris: Gallimard, 1958, tomo I, p. 501). Em seus escritos, Nietzsche reclama algumas vezes a autoria da expressão “filisteu da cultura” (*Bildungsphilister*). No prefácio ao segundo volume de *Humano, demasiado Humano*, ele afirma: “reivindico a paternidade da agora muito usada e abusada expressão ‘filisteu da cultura’”. Na autobiografia, ao tratar de seu livro *David Strauss, o Devoto e o Escritor*, assegura: “A expressão ‘filisteu da cultura’ permaneceu na língua a partir deste meu escrito” (*Ecce Homo, As Extemporâneas*, § 2). E na carta a Georg Brandes de 19 de fevereiro de 1888, declara: “A expressão ‘filisteu da cultura’, que eu formulei, permaneceu na língua a partir do vaivém enfurecido da polêmica”.

cultura. Ora, cultura pressupõe unidade de estilo e unidade de estilo não se confunde com uniformidade de necessidades e opiniões. Portanto, “o filisteísmo sistemático que se tornou dominante ainda não é cultura, pelo fato de ter sistema, nem mesmo má cultura”, conclui Nietzsche, “e sim o seu contrário, ou seja, barbárie duradouramente estabelecida” (*Primeira Consideração Extemporânea* § 2).

Agora, dirigindo-se aos homens do presente, Zaratustra julga-os superficiais e desnecessários, impotentes e estéreis. Acusa-os de vacuidade e empáfia, de fazer alarido e sucumbir ao palavrorio. Denuncia-os por serem imitadores e epígonos, por promover o pastiche e forjar o amálgama. Se a cultura pressupõe unidade de estilo, então o filisteísmo não passa de unidade de falta de estilo. Trazendo em si a marca do negativo, é por oposição à cultura que ele ganha existência.

Um novo elemento, porém, surge em *Assim falava Zaratustra*. O protagonista, completamente deslocado, parece não ter mais para onde ir; para ele parece não haver mais lugar no presente. “Ah! para onde devo ainda subir com o meu anseio! Do alto de todas as montanhas olho à procura de pátrias e terras natais<sup>30</sup>. Mas lar não encontrei em parte alguma”; diz ele, “de passagem estou em todas as cidades e de partida diante de todas as portas. Estrangeiros e risíveis são para mim os homens do presente; para junto dos quais meu coração recentemente me impeliu; e sou expulso de pátrias e terras natais”. E, retomando o movimento inicial da seção, conclui ser o tempo o seu único contemporâneo: “Assim amo somente a *terra dos meus filhos*, a não descoberta no mar mais longínquo<sup>31</sup>;

<sup>30</sup> A expressão que Nietzsche utiliza aqui é “nach Vater und Mutterländern”.

<sup>31</sup> Cf. *Assim falava Zaratustra* III, “Das velhas e novas tábuas” 28ª subseção: “Para lá quer dirigir-se nosso leme, para onde está a *terra dos*

buscá-la incessantemente é o que eu ordeno à minha vela. Nos meus filhos quero reparar ser eu filho de meus pais<sup>32</sup>; e em todo futuro – *este presente!*” (*Assim falava Zaratustra* II, “Do país da cultura”) Zaratustra está longe de alimentar um desejo utópico, de acalentar um sonho irrealizável. Ao contrário, é justamente porque se acha acima do presente que pode visar ao que há de chegar. A ele se aplicam as palavras de Nietzsche em seu livro *Da Utilidade e Desvantagem da história para a vida*: “atuar em sentido extemporâneo, ou seja, contra este tempo e, portanto, sobre este tempo e, assim espero, a favor de um tempo por vir” (*Segunda Consideração Extemporânea*, prefácio).

Não é a partir de uma perspectiva futura que fala o filósofo. Extemporâneo, ele põe-se à distância do que ocorre à sua volta, afasta-se do desenrolar dos acontecimentos. E, se assim procede, é porque já mergulhou fundo em sua época, já penetrou em seu âmago, já vasculhou seus recônditos. É também porque já vivenciou os alvos que combate, com eles já esteve envolvido, deles já foi cúmplice. Não é por acaso que afirma: “Meus escritos falam *somente* de minhas superações (...). Adivinha-se: já tenho muito – *abaixo* de mim... Mas sempre foi preciso o tempo, a convalescença, o longe, a distância, antes que me viesse o prazer do tomar posteriormente algo vivido e sobrevivido, algum fato ou fado próprio, e tirar-

---

*nossos filhos!* Para lá, mais tempestuoso que o mar, lança-se o nosso grande anseio!”

<sup>32</sup> Cf. *Assim falava Zaratustra* III, “Das velhas e novas tábuas” 12ª subseção: “É a *terra dos vossos filhos* que deveis amar; que esse amor seja a vossa nova nobreza – a não descoberta no mar mais longínquo! Buscá-la incessantemente é o que eu ordeno às vossas velas! Nos vossos filhos deveis *reparar* serdes vós filhos de vossos pais; todo o passado deveis *assim* redimir!”

lhe a pele, explorá-lo, desnudá-lo, ‘expô-lo’ (ou como queiram chamá-lo), para o conhecimento. Nessa medida, todos os meus escritos, com uma única, certamente essencial exceção<sup>33</sup>, devem ser *retrodatados* – falam sempre de um ‘atrás-de-mim’” (*Humano, demasiado Humano* II, prefácio, § 1). Esta “única” e “essencial exceção” tem por certo outro ponto de partida. Singular e excepcional em sua gênese e concepção, *Assim falava Zaratustra* não demanda “o tempo, a convalescença, o longe, a distância” a seu autor para falar de suas vivências. Elas irrompem no texto, precipitam-se nas páginas, jorram através das linhas. Isto não impede, porém, que a personagem atue “em sentido extemporâneo”. Também ela muito tem abaixo de si.

Ao sustentar que seus escritos devem ser retrodatados, abaixo de si Nietzsche acredita ter tanto as experiências pregressas quanto o tempo presente. Assim é que considera *David Strauss, o Devoto e o Escritor* o desabafo de quem esteve oprimido pela cultura filistéia<sup>34</sup>; entende *Da Utilidade e Desvantagem da história para a vida* como o depoimento de quem conviveu com a “doença histórica” e dela se recuperou<sup>35</sup>; vê

<sup>33</sup> Em sua tradução, Rubens Rodrigues Torres Filho anota: “A exceção a que se refere o texto é o livro *Assim falou Zaratustra*, que teve sua origem em uma outra espécie de ‘experiência’” (*Nietzsche – Obras incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 2ª ed., 1978 (Col. “Os Pensadores”), p. 123, nota 9).

<sup>34</sup> Cf. *Humano, demasiado Humano* II, prefácio, § 1, onde se lê: “Aquele colérica irrupção contra o germanismo, a complacência, o aviltamento de linguagem do envelhecido David Strauss, o conteúdo da primeira Extemporânea, foram um desafio para estados de espírito com que eu havia convivido muito antes, quando estudante, em meio à cultura e filisteísmo cultural alemães”.

<sup>35</sup> Cf. *Humano, demasiado Humano* II, prefácio, § 1, onde se lê: “O que eu disse contra a ‘doença histórica’, eu o disse como alguém que apren-

em *Schopenhauer como Educador* uma expressão de ceticismo quanto à visão pessimista do mundo advogada pelo filósofo<sup>36</sup>; julga que *Richard Wagner em Bayreuth* consiste num gesto de libertação em face do compositor<sup>37</sup>. Nas suas *Considerações Extemporâneas*, assim pretende ele, fala daquilo que já superou.

É da perspectiva de suas superações que Nietzsche então se põe “nos séculos passados ou vindouros”. Nos passados, situa-se ao dissecar as vivências já superadas; nos vindouros, coloca-se justamente por superá-las. Assim é que, ao refletir sobre a maneira pela qual os gregos ultrapassaram o pessimismo, ele traz a público *O Nascimento da Tragédia*, um livro que poderia muito bem parecer “cinquenta anos mais

deu longamente, laboriosamente, a convalescer dela, e não tinha nenhuma vontade de, daí em diante, renunciar à ‘história’ porque uma vez sofreu disso”.

<sup>36</sup> Cf. *Humano, demasiado Humano* II, prefácio, § 1, onde se lê: “Quando, em seguida, na terceira consideração extemporânea, trouxe à expressão minha veneração diante de meu primeiro e único educador, diante do *grande* Arthur Schopenhauer – eu a exprimiria agora ainda mais fortemente, e também mais pessoalmente –, já estava, quanto a minha própria pessoa, em meio à *sképsis* e dissolução moralísticas, *isto é, tanto na crítica como no aprofundamento de todo pessimismo até agora* –, e já ‘não acreditava mais em nada’, como diz o povo, nem sequer em Schopenhauer”.

<sup>37</sup> Cf. *Humano, demasiado Humano* II, prefácio, § 1, onde se lê: “Mesmo meu discurso triunfal e comemorativo em honra de Richard Wagner, por ocasião de sua festa triunfal em Bayreuth – Bayreuth significa o maior triunfo que um artista jamais conquistou –, uma obra que traz em si a mais forte *aparência* de ‘atualidade’, era no fundo uma homenagem e gratidão para com um pedaço de passado meu, para com a mais bela e também a mais perigosa calma de minha viagem... e de fato um livramento, uma despedida”.

velho”<sup>38</sup>. E, ao fazer-se porta-voz da vida, concebe *Assim falava Zaratustra*, um escrito que talvez venha a ensinar “cátedras próprias para a (sua) interpretação”<sup>39</sup>. Não é por alienar-se do que lhe cabe que se quer extemporâneo, mas por acolher o quinhão que é tão seu.

“Expulso de pátrias e terras natais”, Zaratustra volta à sua caverna para tornar a deixá-la outra vez. Expulsando-se a si mesmo de várias cidades<sup>40</sup>, Nietzsche converte-se em andarilho. Numa passagem da *Gaia Ciência*, intitulada “Nós, os sem-lar”, Nietzsche/ Zaratustra exclama: “Nós, filhos do futuro, como *poderíamos* estar em casa neste presente!” E, mais adiante, acrescenta: “Preferimos de longe viver nas montanhas, afastados, ‘extemporâneos’, nos séculos passados ou vindouros” (*A Gaia Ciência* § 377). Na verdade, ele bem sabe ser inevitável essa posição sua. Estrangeiro na Alemanha de seu tempo, tem de fazer-se extemporâneo. Se apresenta o fato como uma questão de preferência, é porque aprendeu a con-

<sup>38</sup> Cf. *Ecce Homo*, O Nascimento da Tragédia, § 1, onde se lê: “Tomado em mãos com alguma neutralidade, *O Nascimento da Tragédia* parece muito extemporâneo: ninguém sequer sonharia que ele foi *iniciado* sob os estrondos da batalha de Wörth. Meditei nesses problemas diante dos muros de Metz, em frias noites de setembro, em meio ao serviço de cuidar dos doentes; em vez disso, já se poderia acreditar que o escrito é cinquenta anos mais velho”.

<sup>39</sup> “Algum dia necessitarão de instituições em que se viva e se ensine como eu entendo viver e ensinar; talvez mesmo sejam instituídas cátedras próprias para a interpretação de Zaratustra” (*Ecce Homo*, Por que escrevo livros tão bons, § 1).

<sup>40</sup> Na autobiografia, Nietzsche não se furta a mencionar as que lhe são *proibidas* – Naumburgo, Leipzig, Basileia, Veneza, “tantos lugares nefastos à minha fisiologia” (*Ecce Homo*, Por que sou tão esperto, § 2).



verter o impedimento em meio, o obstáculo em estímulo, a adversidade em bênção.

Tanto é que, no *Ecce Homo*, livro em que talvez mais do que em qualquer outra parte lamenta o seu isolamento, o filósofo elucida o que entende por *amor fati*. Depois de falar do profundo silêncio que pesa sobre seu escrito mais precioso, *Assim falava Zaratustra*, ele prega, antes de mais nada para si mesmo, a afirmação incondicional do que advém. Talvez não possa admitir a sua dor mais profunda; talvez queira apertar-se do seu sofrimento maior. Ora revoltado ora queixoso, jamais assume um tom resignado ou indiferente. É o que se nota quando discorre sobre a recepção do livro: “No que diz respeito ao meu Zaratustra, quem dentre os meus amigos teria visto nele mais que uma presunção ilícita e por sorte completamente indiferente?... Dez anos e ninguém na Alemanha tomou como dever de consciência defender meu nome contra o absurdo silêncio sob o qual ele jazia sepultado; foi um estrangeiro, um dinamarquês, que por primeiro teve para isso suficiente finura de instinto e coragem, que se indignou com meus supostos amigos... Em que universidade alemã seriam hoje possíveis conferências sobre a minha filosofia, como as que deu o dr. Georg Brandes<sup>41</sup> em Copenhague na primavera passada<sup>42</sup>, demonstrando assim uma vez mais ser psicólogo? – Eu nunca sofri por tudo isso; o necessário não me fere; *amor fati* é minha natureza mais íntima” (*Ecce Homo*, O Caso Wagner, § 4).

<sup>41</sup> O professor de literatura comparada ficara entusiasmado com a *Genealogia da Moral*, que Nietzsche lhe enviara, e decidira difundir o seu pensamento. A correspondência entre eles inicia-se em novembro de 1887.

<sup>42</sup> Em fevereiro de 1888, Georg Brandes fez uma série de conferências sobre a filosofia de Nietzsche na Universidade de Copenhague.

Nietzsche começa a fazer-se conhecer. Georg Brandes<sup>43</sup> relata-lhe o sucesso das conferências sobre sua filosofia; August Strindberg<sup>44</sup> participa-lhe a emoção causada pela virulência de suas palavras e coragem de suas idéias. Às suas mãos chegam as primeiras cartas de admiradores: Karl Knortz, de Nova Iorque, e a princesa Anna Tenischeff, de São Petersburgo<sup>45</sup>. Nos últimos meses de 1888, exemplares do *Crepúsculo dos Ídolos* são enviados a amigos; Hippolyte Taine<sup>46</sup> sugere-lhe tradutores para a edição francesa do livro. E assim o filósofo faz planos e inicia contatos para assegurar a tradução de seus escritos. Quer editar o *Ecce Homo* em 1889 e, daí a dois anos, lançar *O Anticristo* em sete línguas simultaneamente.

<sup>43</sup> Cf. a propósito carta de Nietzsche a Malwida von Meysenbug do final de julho de 1888: “O brilhante Dr. Georg Brandes atreveu-se a dar um longo ciclo de conferências a meu respeito na Universidade de Copenhague! E com um esplêndido sucesso! Mais de 300 ouvintes regulares! E uma grande ovação no final!”

<sup>44</sup> Ao receber o livro, o escritor sueco responde-lhe: “Sem sombra de dúvida, o senhor deu à humanidade o livro mais profundo que ela possui e, o que não é o de menos, teve a coragem, os recursos talvez, de jogar na cara da plebe essas palavras soberbas! E eu lhe agradeço!... (...) Termino todas as cartas aos meus amigos: leiam Nietzsche! É a minha *Carthago delenda est!*”

<sup>45</sup> Cf. a esse respeito carta de Nietzsche a Heinrich Köselitz de 09 de dezembro de 1888.

<sup>46</sup> Na carta de 14 de dezembro de 1888, o crítico de arte francês desculpa-se por não assumir a tradução do livro: “Não conheço bem a língua para sentir de imediato todas as suas audácias e finezas”. Em sua autobiografia, Nietzsche refere-se ao crítico de arte francês, retomando essas suas palavras: “Em Paris mesmo estão assombrados com *toutes mes audaces et fineses* – a expressão é de Monsieur Taine” (*Ecce Homo*, Por que escrevo livros tão bons, § 2).

Não é apenas fora do seu tempo que Nietzsche se sente, mas também fora do seu espaço. Com exceção da Alemanha, dirá ele, “em toda outra parte tenho leitores – inteligências *seletas*, caracteres provados, formados em elevadas posições e deveres; tenho inclusive verdadeiros gênios entre os meus leitores. Em Viena, em São Petersburgo, em Estocolmo, em Copenhague, em Paris e Nova York – em toda parte sou descoberto; *não* o sou na Terra Chata da Europa<sup>47</sup>, a Alemanha<sup>48</sup>. Não é por acaso, pois, que reclama ascendência polonesa<sup>49</sup>; conta distinguir-se de seus compatriotas. Tampouco é por acaso que reivindica proximidade com os franceses<sup>50</sup>; pretende diferenciar-se de seus conterrâneos. E, se afirma que não consegue pensar e sentir em alemão<sup>51</sup>, é porque com suas idéias e atitudes não quer ser cúmplice do que então testemunha em seu país de origem. “Um livro que dá o que pen-

<sup>47</sup> Nietzsche faz aqui um jogo de palavras com os termos *Flachland* (Terra Chata) e *Deutschland* (Terra dos Alemães, Alemanha). Retoma a idéia de ser a Alemanha uma Terra Chata no *Crepúsculo dos Ídolos*, O que falta aos alemães, § 3.

<sup>48</sup> *Ecce Homo*, Por que escrevo livros tão bons, § 2. Nietzsche retoma esta passagem praticamente nos mesmos termos no prólogo de *Nietzsche contra Wagner* e na carta a Franziska Nietzsche de 21 de dezembro de 1888.

<sup>49</sup> Tanto é que assegura em sua autobiografia: “Não é em vão que os poloneses são considerados os franceses dentre os eslavos” (*Ecce Homo*, Por que escrevo livros tão bons, § 2).

<sup>50</sup> Em sua autobiografia, declara: “Meu velho mestre Ritschl chegou a afirmar que eu concebia mesmo meus trabalhos filológicos como um *romancier* parisiense – de modo absurdamente excitante” (*Ecce Homo*, Por que escrevo livros tão bons, § 2).

<sup>51</sup> Assim é que, em sua autobiografia, revela: “Pensar em alemão, sentir em alemão – eu posso tudo, mas *isto* vai além das minhas forças...” (*Ecce Homo*, Por que escrevo livros tão bons, § 2).

sar, nada mais, pertence àqueles a quem pensar dá prazer, nada mais...”, anota num fragmento póstumo. “Que seja escrito em alemão é pelo menos extemporâneo: gostaria de tê-lo escrito em francês, para que não parecesse apoiar quaisquer aspirações do Reich alemão” (fragmento póstumo (136) 9 [188] do outono de 1887).

Recusando todo e qualquer vínculo com a Alemanha da segunda metade do século XIX, Nietzsche assume um ponto de vista privilegiado. Está, pois, em condições de questionar a cultura filistéia que lá julga encontrar, de denunciar o filisteísmo cultural que lá acredita presenciar. “Faz parte inclusive da minha ambição ser tido como o desprezador dos alemães *par excellence*”, assegura. “Minha *desconfiança* do caráter alemão manifestei já aos vinte e sete anos (terceira Extemporânea<sup>52</sup>) – os alemães são para mim impossíveis. Quando imagino uma espécie de homem que vai de encontro a todos os meus instintos, sempre me sai um alemão” (*Ecce Homo*, O Caso Wagner, § 4). Completamente deslocado, Nietzsche não encontra lugar na terra em que nasceu; “pátrias e terras natais” recusam-se a acolhê-lo. Tanto é que escreve a Carl Fuchs em carta de 14 de dezembro de 1887: “Na Alemanha, queixam-se muito de minha ‘excentricidade’. Mas, como não sabem onde está meu centro, dificilmente vão encontrar a verdade sobre onde e quando até agora fui ‘excêntrico’”<sup>53</sup>. Além de fazer-se extemporâneo, ele tem de tornar-se excêntrico.

<sup>52</sup> Nietzsche refere-se aqui a *Schopenhauer como Educador* § 6, onde se lê por exemplo: “Por mais que o Estado enfatize o que faz de meritório pela cultura, ele a promove para se promover e não concebe nenhum alvo que seja superior ao seu bem e à sua existência”.

<sup>53</sup> Cf. na mesma direção carta a Paul Deussen de 3 de janeiro de 1888.



Ora, extemporâneo é o que vem ou está fora do tempo próprio; o que não é próprio do tempo em que se encontra. Excêntrico é o que se desvia ou afasta do centro; o que não tem o mesmo centro do que o rodeia. Assim definidos, estes termos parecem designar algo ou alguém que se distancia do habitual, que é singular ou estranho, numa palavra, algo ou alguém que constitui exceção. Mas extemporâneo não equivale a anacrônico ou profético; remete a uma certa maneira de relacionar-se com o agora. Excêntrico não é o mesmo que desencaminhado ou extraviado; aponta para uma certa forma de relacionar-se com o aqui. Ora, o filósofo bem sabe que sua reflexão se insere num tempo e num espaço determinados, que ela se inscreve num contexto preciso. Intimamente ligado ao mundo em que vive, está, pois, em condições de lhe dirigir uma crítica radical<sup>54</sup>. Numa palavra, é um homem no seu tempo, portanto contra ele.

Propondo maneiras de pensar, agir e sentir destoantes do que é previsível, habitual e comum, Nietzsche acaba por correr riscos. E seu risco maior é o de ver-se silenciado. Na correspondência e nos livros, ele não se cansa de tentar compreender as razões do desinteresse que o cerca. Sempre se queixa do silêncio que pesa sobre sua obra, da solidão que se apodera de sua vida. Raros amigos, escassos leitores. De sua época só espera não-entendimento ou descaso. “Quem acreditou ter entendido algo de mim, havia ajustado algo de mim à sua imagem – não raro um oposto de mim, por exemplo

<sup>54</sup> É nesse sentido que, em *Da Utilidade e Desvantagem da história para a vida*, ele sugere evitar as biografias que se apresentam como um relato sobre um homem e seu tempo e ater-se àquelas que falam de “um homem em luta contra o seu tempo” (*Segunda Consideração Extemporânea* § 6).

um ‘idealista’<sup>55</sup>; quem não entendeu nada de mim, negava que eu em geral entrasse em consideração”<sup>56</sup>.

Não é por acaso, pois, que o filósofo sente necessidade de apresentar-se. Em sua autobiografia, tem de dar-se a conhecer, tem de anunciar quem é e qual a sua tarefa, missão e destino. “*Ouçam! pois eu sou tal e tal. Não me confundam, sobretudo!*”<sup>57</sup> Faz, pois, uma advertência e um apelo. Adverte para que o levem em conta; apela para que não se equivoquem a seu respeito. E, se assim procede, é porque espera fa-

<sup>55</sup> Na carta a Malwida von Meysenbug de 20 de outubro de 1888, Nietzsche escreve: “Há anos envio-lhe os meus escritos, para que finalmente me declare honesta e ingenuamente: ‘horrorizo-me com cada palavra’. E teria direito de dizê-lo. Pois, a senhora é ‘idealista’ – e eu trato o idealismo como uma falsidade que se tornou instinto, como um não-querer-ver a realidade a qualquer curso: *cada* frase dos meus escritos contém o *desprezo* do idealismo”.

<sup>56</sup> *Ecce Homo*, Por que escrevo livros tão bons, § 1. E Nietzsche prossegue ilustrando com um exemplo: “A palavra ‘*além-do-homem*’, como designação do tipo mais altamente bem logrado, em oposição ao homem ‘moderno’, ao homem ‘bom’, aos cristãos e outros niilistas – uma palavra que, na boca de um Zarathustra, do *aniquilador* da moral, se torna uma palavra que dá muito o que pensar –, foi, quase por toda parte, com total inocência, entendida no sentido daqueles valores cujo oposto foi apresentado na figura de Zarathustra: quer dizer, como tipo ‘idealista’ de uma espécie superior de homem, meio ‘santo’, meio ‘gênio’...”

<sup>57</sup> *Ecce Homo*, prólogo, § 1. A propósito desta passagem, comenta Müller-Lauter: “No *Ecce Homo*, livro claro a despeito de toda excentricidade, Nietzsche desafia repetidamente o leitor a compreender seu pensamento, de uma maneira mais decidida do que antes. É como se aquele que antes aparecia por trás de máscaras e de ambigüidades quisesse agora cobrar o reconhecimento de sua identidade” (“O Desafio Nietzsche”, in: *discurso* 21 (1993), São Paulo, Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, p. 11-12).